

## CAPÍTULO 12

### DECCLESIA

Via Láctea – Em algum lugar do espaço sideral.

Cruzando em altíssima velocidade, atravessando o hiperespaço, as três naves prosseguiram, seguiam para a colônia da Signios. Gabriel, Laz, Senji, Kazékiu, Mark, Ramon e os cavaleiros Silas e Goreos estavam a bordo da que se encontrava no centro do alinhamento, desfrutavam de uma viagem tranquila.

O interior da nave era luxuoso, o ambiente era bem iluminado, o piso e as paredes eram cromados. Por ser uma nave de transporte civil, contava com vinte pares de poltronas divididas entre duas fileiras nas pontas da nave, os assentos eram acolchoados, dando aos passageiros todo conforto que precisavam para relaxar e dormir.

Os sanitários estavam ao fundo, bem próximos de um pequeno balcão que servia bebidas e alimentos, a frente deste, destacava-se um excelente espaço para os passageiros exercitarem e andarem um pouco, graças aos projetores gravitacionais do veículo, havia uma estabilidade segura para caminhar e se mover sem riscos.

Gabriel observava pela janela de seu assento o espaço sideral, via as estrelas brilhando intensamente, as rochas vagando sem rumo, os diferentes planetas indo e vindo. Para o pequeno era tudo novo, um verdadeiro sonho realizado, todas as descrições e palavras de suas leituras se tornavam reais bem diante de seus olhos.

— Se ficar tempo demais nessa janela, o seu rosto vai acabar ficando grudado nela – constatou Senji.

— Acho que já tá grudado. Eu não consigo me mover.

— Eu sei que você está empolgado... – Senji puxou o garoto. — Mas é uma viagem longa, você devia tentar descansar um pouco. Você ainda vai ver muitas coisas incríveis quando chegarmos.

— Mas eu tô tão ansioso que não consigo dormir! – ele deitou no colo de Senji. — Que tal o senhor me contar uma história, papai?

— Que tipo de história? Acho que já te contei sobre todas as minhas jornadas. Alguma sugestão?

— Eu tô curioso sobre uma coisa...

— E o que seria?

— Não precisa me contar se não quiser, mas eu quero saber como foi que você e mamãe acabaram juntos, sabe, vivendo como um casal, e como vocês se apaixonaram um pelo outro.

— Alguém já te disse que você deveria parar de ser tão curioso?

— Não.

— Por que não tô surpreso? — Senji suspirou. — Tudo bem então, eu vou te contar. Foi logo depois que seu pai biológico foi forçado a voltar pro mundo dele. Sua mãe ficou sozinha, e sua única alegria era ter você nos braços, mas não era fácil. Vê-la dando tudo de si pra cuidar de você, e ainda aguentar a dor de perder aquele que amou tanto, me fez admirá-la, tanto, mas tanto que eu comecei a amá-la.

— Então não foi amor à primeira vista?

— Sua mãe amava outra pessoa, eu nunca pensei nela dessa forma, mas... Eu decidi ajudar ela a cuidar de você, a te criar, te educar, não importaria de fazer isso apenas como amigo, eu apenas senti que deveria ajudar — ele acariciou a cabeça do pequeno. — Pouco a pouco nos conhecemos, nos tornamos próximos, e você cresceu me vendo como se fosse seu pai, e antes que percebêssemos, eu e ela já estávamos vivendo como uma família, e nos amando como um casal.

— Você acha que minha mãe esqueceu meu outro pai? — suas pálpebras começaram a ficar pesadas.

— Nunca. Ela jamais esqueceria ele, e eu sempre soube disso, às vezes pensava que era apenas um substituto, mas sei que tava errado, porque ela me amava de verdade, mas o amor que sentia por mim, era diferente do amor que ela teve por ele.

— Eu também te amo, pai... — o garoto adormeceu.

— Eu também... Vocês dois sempre serão minha família — sorriu.

Algum tempo já havia passado desde que saíram do planeta Terra, eles ficavam cada vez mais ansiosos para chegar à sede da Signios.

— Eu tô enlouquecendo já! — reclamou Mark. — Quanto tempo ainda vai levar pra chegar nessa tal colônia?! Tá demorando!

— Realmente! — Ramon fazia algumas abdominais.

— Vocês dois são muito impacientes – riu Silas. — Se formos calcular em horas terrestres, a viagem dura pouco mais de doze horas, acho que ainda estamos mais ou menos na metade do percurso.

— Então ainda tem muito caminho pela frente... – Mark desanimou-se.  
— Por falar nisso, por que vocês dois vieram com a gente?

— Já faz algum tempo que não voltamos pra colônia, nossa missão no Éden já tinha acabado. Além disso, foi um pedido de Kazékiu.

— Mestre Kazékiu? De onde vocês conhecem ele?

— Nós estudamos juntos na academia militar da Signios – Kazékiu se aproximou. — Quando nos formamos, também fizemos parte da mesma equipe, estivemos juntos em várias batalhas. Quando eu me alistei para ajudar na crise que a Terra passou trinta anos atrás, eles se ofereceram pra me ajudar e vieram juntos.

— Depois que o problema foi solucionado, Kazékiu ficou responsável por cuidar daquela cidade, então nós decidimos ficar por perto por mais algum tempo – explicou Goreos.

— Eu era um pouco mais jovem naquela época – Kazékiu riu.

— Espera um pouco, então vocês dois são tão velhos quanto o mestre Kazékiu? – Mark ficou surpreso. — Quase não dá pra acreditar nisso, vocês parecem ter a minha idade.

— Quantas vezes tenho que explicar que somos nós que envelhecemos rápido, Mark? Acredite ou não, mas na verdade esses dois tem o triplo da minha idade – revelou Kazékiu.

— Caramba! – ficou boquiaberto. — Cês são mesmo muito velhos!

— Não é bem assim – disse Silas. — Apreendi bastante sobre seu mundo enquanto estive lá, em anos terrestres, Goreos e eu realmente temos uma idade avançada da perspectiva dos humanos, mas em nossos planetas natais teríamos mais ou menos a idade que vocês têm agora.

— Que coisa complicada, o universo é realmente muito misterioso... – admitiu Mark. — Mas continuam sendo dois velhotes.

— Por que não lutam comigo pra exercitar esses velhos ossos?! – provocou Ramon.

— Comportem-se os dois, e respeitem os veteranos! – brigou Kazékiu.

— Vocês dois ainda tem muito pra crescer! – riu Silas.

— Por enquanto, pelo menos ajam como adultos – comentou Goreos.

— Está nos chamando de crianças?! – irritou-se Mark.

— É tão difícil assim entender o óbvio? – comentou Laz com sua frieza de sempre, estava sentando, de braços cruzados, olhando pela janela.

— Continue calado! Ninguém pediu sua opinião!

Eles continuaram conversando, entre risadas e discussões. Gabriel nem se incomodou com o barulho, continuou dormindo profundamente.

O tempo foi passando, estavam cada vez mais próximo do seu destino. Já faltando pouco para a chegada, praticamente estavam todos dormindo, descansando um pouco. Gabriel foi o primeiro a acordar, bocejou e se espreguiçou, limpou os olhos com as mãos, e logo notou que a nave perdia velocidade.

— Onde a gente tá? – olhou pela janela e se surpreendeu com a paisagem, a visão o deixou hipnotizado. — Nossa...

Gabriel vislumbrou um gigantesco planeta, um pouco maior que o colossal Júpiter, localizado entre os planetas Urano e Netuno.

Toda a ambientação daquele mundo tornava a sua beleza externa algo surpreendente de se ver, contava com uma incrível diversidade de ecossistemas em contraposição: oceanos, continentes vulcânicos, florestas, áreas montanhosas, campos abertos, desertos, geleiras, todos coexistindo em perfeita e completa harmonia.

Orbitando ao redor dele havia dúzias de luas, com diferentes formas e consistências. Pequenas fortalezas espaciais e satélites faziam todo o monitoramento externo, dezenas de naves iam e viam de todas as direções, para a entrada dos veículos, uma pequena abertura no campo de força que envolvia todo o planeta era feita.

— Papai! – Gabriel cutucou Senji, tentando acordá-lo. — A gente chegou pai! Acorda! – insistiu o garoto, empolgado.

— O que foi Gabriel...? – disse, sonolento. — Deixa o papai dormir um pouco... – começou a abrir os olhos logo que o brilho natural do planeta alcançou a visão, ele despertou, surpreendeu-se com o que viu. — Nossa... – sua reação foi a mesma de Gabriel.

— Não é incrível?!

— Então... Esse é o planeta-colônia da Signios?

— É uma visão magnífica, não é? – Kazékiu se aproximou. — Sejam bem vindos a Decclesia, o planeta colônia da Signios!

Aos poucos, todos foram despertando, deparando-se com a mesma visão, hipnotizados por sua beleza sem igual.

— É enorme! – Mark estava boquiaberto. — O nosso planeta é uma azeitona perto disso!

— É natural que ele tenha esse tamanho, pois Decclesia existe para ser um abrigo pra todas as espécies do universo. Foi criado pra ser uma arca de esperança para todos – explicou Silas.

— Eu nunca vi esse planeta em nenhum livro... – constatou Gabriel.

— E o que você quis dizer com “criado”? – questionou Laz.

— Ninguém sabe ao certo, mas dizem que esse planeta foi criado pelas mãos do fundador da Signios – comentou Goreos. — Ele não faz parte do sistema solar original.

— Alguém criou um planeta?! – Mark não acreditou. — Isso não é um pouco absurdo demais?!

— É um absurdo completo – admitiu Kazékiu. — Mas existem muitas coisas sobre o universo que não sabemos. Tudo é possível diante disso.

— Isso é realmente empolgante! – Ramon ficou excitado.

— Então... Esse é nosso novo lar? – Senji pareceu aliviado.

— Nosso novo lar... – sussurrou Gabriel, hipnotizado.

As três naves prosseguiram caminho, se aproximaram lentamente da órbita, os pilotos emitiram um aviso de chegada, e rapidamente receberam respostas das torres de vigilância, que abriram passagem na barreira para que atravessassem.

O conjunto avançou para dentro do planeta, os veículos desaceleraram e sem maiores dificuldades entraram, se alinharam, sobrevoando sobre um vasto mar de nuvens, que seguia até onde os olhos podiam ver. Seguiram em frente, perdendo altitude ao longo do percurso.

— Se vocês ficaram impressionados com o lado de fora, esperem até ver como é por dentro! – comentou Silas.

Assim que atravessaram o denso conjunto de nuvens se depararam com a magnífica visão: edifícios e construções tão altos e colossais que mesmo daquela distância, se destacavam na paisagem tão bela.

Naves de diferentes modelos e formas cruzavam os céus em todas as direções, em altíssimas velocidades. Conforme se aproximavam do solo notavam uma diversidade inacreditável de seres de todos os tipos e espécies, de todas as gêneros e idades, convivendo em plena harmonia.

E naquela região específica onde estavam, ainda era possível observar soldados e jovens cavaleiros treinando e sendo rigorosamente disciplinados. Gabriel admirava com tamanha empolgação que nenhuma palavra poderia descrever o que sentia naquele momento.

A nave estava cada vez mais próxima do solo, movia-se na direção de uma construção similar a um coliseu.

— Estamos bem próximos da nossa parada final – anunciou Kazékiu. — Para a segurança de vocês, terão que usar esses capacetes até receberem seus uniformes adaptados – explicou, erguendo para cima um capacete meio triangular, com um pequeno compartimento na parte traseira de onde saíam dois tubos presos às partes laterais, a frontal do capacete era uma viseira que destacava todo o rosto. — O ambiente de Declesia é bem diferente do nosso planeta, seus corpos vão estranhar no começo, e até que se acostumem, isso irá ajudá-los a não sofrerem muito.

— Não preciso, eu aguento qualquer coisa! – Ramon estava confiante.

— Tô contigo parceiro! – Mark concordou com o amigo.

— E mais uma coisa, coloquem isto nos ouvidos – Kazékiu apresentou um mecanismo parecido com um aparelho de audição. — Este é um tradutor universal em tempo real. Ajudará na comunicação.

— Uau! Quantas coisas legais! – Gabriel estava empolgado.

As duas naves que escoltavam o grupo se separaram e seguiram para direções diferentes, o veículo que os transportava pousou sobre uma plataforma circular, que desceu, levando-os até o hangar principal, onde estavam estacionadas a enorme frota de naves da organização militar.

A plataforma chegou ao seu destino final, as comportas da nave abriram e uma rampa desceu até o solo, os passageiros saíram um a um, Mark, Ramon, Senji, Laz e Gabriel usavam os capacetes de segurança, para que não tivessem maiores problemas no novo ambiente.

— Papai! Olha todas essas naves! – Gabriel estava empolgado.

— E essa não é nem metade da nossa frota! – constatou Silas.

- Você ainda não viu nada, garoto – comentou Goreos.
- Caramba, só esse lugar já é bem maior que a nossa cidade! – Mark estava impressionado, mas por algum motivo parecia meio pálido.
- Cê tá bem Mark? – Gabriel estranhou a aparência dele.
- Não é nada demais, é que de repente eu comecei a sentir um pouco de frio, e parece que tá tudo girando por algum motivo, e não sei se é só impressão minha, mas meu corpo parece bem mais pesado...
- Eu achei que fosse demorar mais tempo pros sintomas aparecerem, mas até que foi bem rápido – Kazékiu deu gargalhadas.
- Sintomas? Não sei do que o senhor tá falando, eu estou completamente bem! – disse, meio zozzo. — Fala pra ele, Ramon! – ele bateu no ombro do amigo, que quase caiu no chão. — Ramon?!
- Eu... – falava com dificuldade. — Me sinto enjoado – parecia estar prestes a vomitar.
- Vocês dois não parecem nada bem... – comentou Senji, que parecia estar completamente normal.
- Cê não tá sentindo nada, Senji?! – Mark gritou um pouco, e quase vomitou devido aos fortes enjoos que sentia.
- Talvez seja algum tipo de gripe espacial? – indagou-se Gabriel, que também agia com total naturalidade.
- Até você Gabriel?! – Mark ficou chocado. — Não me diga que... – ele olhou na direção de Laz, que mantinha a mesma frieza de sempre.
- O que foi? – ele não parecia sentir nenhum mal estar.
- Só nós dois estamos passando por isso? – Mark ficou deprimido.
- Acho que isso é o que acontece quando se fala demais! – Kazékiu riu deles. — Não se preocupem, alguns dias aqui e vocês superam isso.
- Por que o senhor também não tá sentindo nada? O senhor nem tá usando capacete! – questionou Mark.
- Primeiro, por que eu já estive aqui antes, e segundo, meu uniforme cobre todas as minhas necessidades, mas depois que vocês ganharem os seus, eu explico os detalhes.
- Isso é, se vocês conseguirem serem aprovados – comentou Silas.

— Bem, eles devem ganhar um prazo pra se adaptar ao ambiente antes de fazerem o teste – complementou Goreos.

— Teste? Que teste?! – questionou Mark.

— É verdade. Eu esqueci de comentar, mas vocês ainda não são membros da Signios – revelou Kazékiu. — Vocês foram apenas recomendados, ainda precisam realizar um pequeno teste para serem aprovados, mas tenho certeza que não terão problemas, desde é claro que consigam superar esse pequeno mal estar – riu de novo.

— Você parece mais animado que o normal, mestre – comentou Senji.

— Acho que voltar pra cá levanta meu astral!

— Que bom ouvir isso, meu bom colega! – disse uma voz ao longe, o ser foi se aproximando, a sua pele era azul-clara, uma listra branca marcava o rosto horizontalmente, os cabelos eram negros com mexas prateadas, os olhos azul-marinho. O seu traje era uma armadura branca com detalhes em prata, uma longa capa branca se estendia pelas costas, balançava ostentando a marca de uma cruz em cor prateada. Ao lado direito do peito se destacava o número sete, escrito em letras similares as dos antigos romanos. — Sejam bem vindos a Declesia! – os recepcionou com um sorriso simpático.

Silas, Goreos e Kazékiu imediatamente prestaram continência diante da presença daquela figura que emanava grande nobreza. Os demais não entenderam o que estava acontecendo.

— Vamos, mostrem um pouco de respeito, meus alunos, este que está diante de vocês é o sétimo e atual líder de toda essa organização militar, Íon, o Marechal Signios VII – Kazékiu o apresentou. — É uma honra estar em sua presença, meu senhor!

— O líder... Da Signios? – Gabriel estava sem palavras.

Meio sem jeito, eles tentaram assumir a mesma posição do ancião, e quase conseguiram uma continência. Gabriel ficou totalmente paralisado, Mark e Ramon mal conseguiam manter-se em pé.

— Não é necessária toda essa formalidade, podem relaxar – tranquilizou os recém-chegados. — Eu fugi um pouco do escritório só para vim recepcioná-los, e especialmente para cumprimentá-lo, Kazékiu – ele estendeu a mão para o ancião. — É bom tê-lo de volta.

— Obrigado, Marechal, é bom estar de volta – cumprimentou.



— Você mudou bastante nesse pouco tempo em que não nos vimos – comentou. — Mas ainda continua firme e forte, não é mesmo?

— Estou um pouco enferrujado, mas com algumas batalhas logo estarei de volta a minha melhor forma! – riu.

— Mestre Kazékiu conhece até mesmo o líder da Signios? – Mark ficou espantado.

— Marechal Íon foi nosso instrutor na academia, e nós já o acompanhamos em algumas missões – comentou Silas.

— Além disso, não existem muitos humanos na Signios, foi por isso que Kazékiu se destacou e ficou conhecido – explicou Goreos.

— E esses quatro devem ser os seus pupilos... – Íon dirigiu olhares aos quatro humanos. — Parecem realmente promissores, eu tive a oportunidade de ler suas recomendações, e devo admitir que estou curioso pelo resultado de seus testes, mas tenho certeza que se sairão bem.

— Não tenha a menor dúvida disso! – orgulhou-se Kazékiu.

— O teste de vocês será em pouco tempo, estou certo de que estarão se sentindo melhor até lá – ele se dirigiu a Mark e Ramon. — E enquanto a você... – Íon se aproximou de Gabriel, abaixou-se colocando-se na altura do garoto. — Você deve ser o Gabriel, não é mesmo?

— Você sabe meu nome? – Gabriel ficou surpreso, estar diante daquela figura o deixava totalmente sem palavras.

— Eu sei muito sobre você, mais do que imagina – ele acariciou a cabeça do pequeno. — E você deve ser o pai dele – Íon se levantou, estendeu a mão para Senji, que meio sem jeito o cumprimentou de volta.

— É uma honra conhecê-lo, senhor!

— Eu é que estou honrado de conhecê-los – admitiu. — Sei que estão cansados da viagem, e talvez seja um pouco repentino, mas se importaria de ceder o pequeno um pouco? Eu quero levá-lo por um passeio pela colônia, mostrar para ele um pouco desse lugar incrível. É claro, você pode nos acompanhar também, se não for um problema.

— Nós vamos papai?! – Gabriel empolgou-se.

— Não é necessário, senhor. Vou confiá-lo meu pequeno, eu realmente preciso de um bom descanso – forçou uma risada.

— Entendo. Que possam repousar bem em nossas instalações, sintam-se a vontade. Por favor, os acompanhe até os dormitórios – dirigiu-se a Silas e Goreos.

— Sim senhor! – responderam em sincronia.

— Vos desejo sorte nos testes. Podemos ir? – perguntou a Gabriel.

— É claro! – não hesitou em responder. — Vamos! Vamos!

— Calma aí colega! – Senji colocou a mão na cabeça dele. — Aonde já ia sem se despedir?

— Desculpa pai! – abraçou Senji. — Até mais! – estava entusiasmado.

— Cuidado por onde anda, e obedeça ao Marechal!

— Pode deixar! – correu para o lado de Íon.

— Com sua licença... – e sem dizer mais nada, retirou-se com Gabriel. Gabriel estava muito animado, mas Senji, por outro lado, não pareceu muito satisfeito.

— O Marechal não viria pessoalmente recepcionar alguns candidatos recém-chegados apenas por cordialidade... Ele veio por Gabriel, não é mesmo? – Senji questionou Kazékiu, que se aproximou.

— Não fique tão preocupado. Ele não é esse tipo de pessoa. Íon é de confiança, ele sempre foi muito nobre e gentil, mesmo em sua posição.

— Eu sei... – Senji admitiu, com um suspiro profundo. — Eu só não esperava que fossem me afastar dele logo na chegada.

— Tranquelize-se um pouco, meu jovem. Íon quer apenas conhecê-lo um pouco. Nosso Marechal tem a incrível habilidade de ver o potencial de alguém com apenas um olhar.

— Nessas horas eu queria ter sua habilidade de ler mentes – suspirou.

— Dessa vez eu não usei meu poder, é apenas intuição – riu.

— Vamos indo pessoal, vamos mostrar seus quartos – disse Silas.

Senji conseguiu esboçar um leve sorriso, pareceu um pouco mais tranquilo. Guiados por Silas e Goreos, eles seguiram rumo à construção que se assemelhava a um museu.

Já afastados do grupo, Gabriel e Íon continuaram caminhando por dentro do hangar. O garoto olhava para todos os lados, observava encantado as naves e os diversos seres que transitavam pelo lugar.

— Você parece bastante empolgado. Está gostando do lugar?

— É tudo simplesmente incrível! É enorme! – os olhos brilhavam.

— Mas você ainda não viu nada! – Íon riu. — Venha, suba em minhas costas! Nesse ritmo, não vamos conseguir ver quase nada.

— Subir nas suas costas? O senhor tem certeza? Não acho que eu deva fazer isso... – Gabriel estava sem graça.

— Não precisa desse medo todo! – agarrou o menino pela gola da camisa e o colocou em suas costas. — Segure firme!

Íon flexionou as pernas, quase que em um reflexo Gabriel o segurou com firmeza. O Marechal, em um impulso sinistro, voou para longe, em altíssima velocidade. Eles saíram de dentro do hangar e alcançaram um ponto alto do céu, onde o garoto viu parte da belíssima paisagem.

— Nossa... – emocionou-se.

Eles começaram a cair, mas Gabriel não sentiu medo, pelo contrário, desfrutou do vento que bateu em seu corpo durante a queda.

Os dois caíram sobre um edifício alto, onde era possível ver quase toda a cidade, um lugar que ia até onde o olhar já não alcançava, de grandes estruturas e edifícios, de arquiteturas e tamanhos dos mais diversos tipos, com cores entre o branco e prata, era um ambiente agradável para os olhos, de uma beleza admirável e de um brilho nobre encantador.

— Bem vindo a Araboth, a Capital de Declesia! – anunciou Íon.

— Demais! – em meio à empolgação, Gabriel tirou o capacete, jogou para o lado e estendeu os braços, para sentir a forte brisa que vinha na sua direção.

— Você esteve vivendo em um mundo fechado por muito tempo, mas este é o universo a qual você pertence. Esse é o mundo sem limites que você tem para explorar.

— Então... Isso é o que chamam de liberdade?

A resposta de uma pergunta, na forma de um sentimento. Declesia, um lar de esperança, um novo lar para Gabriel.